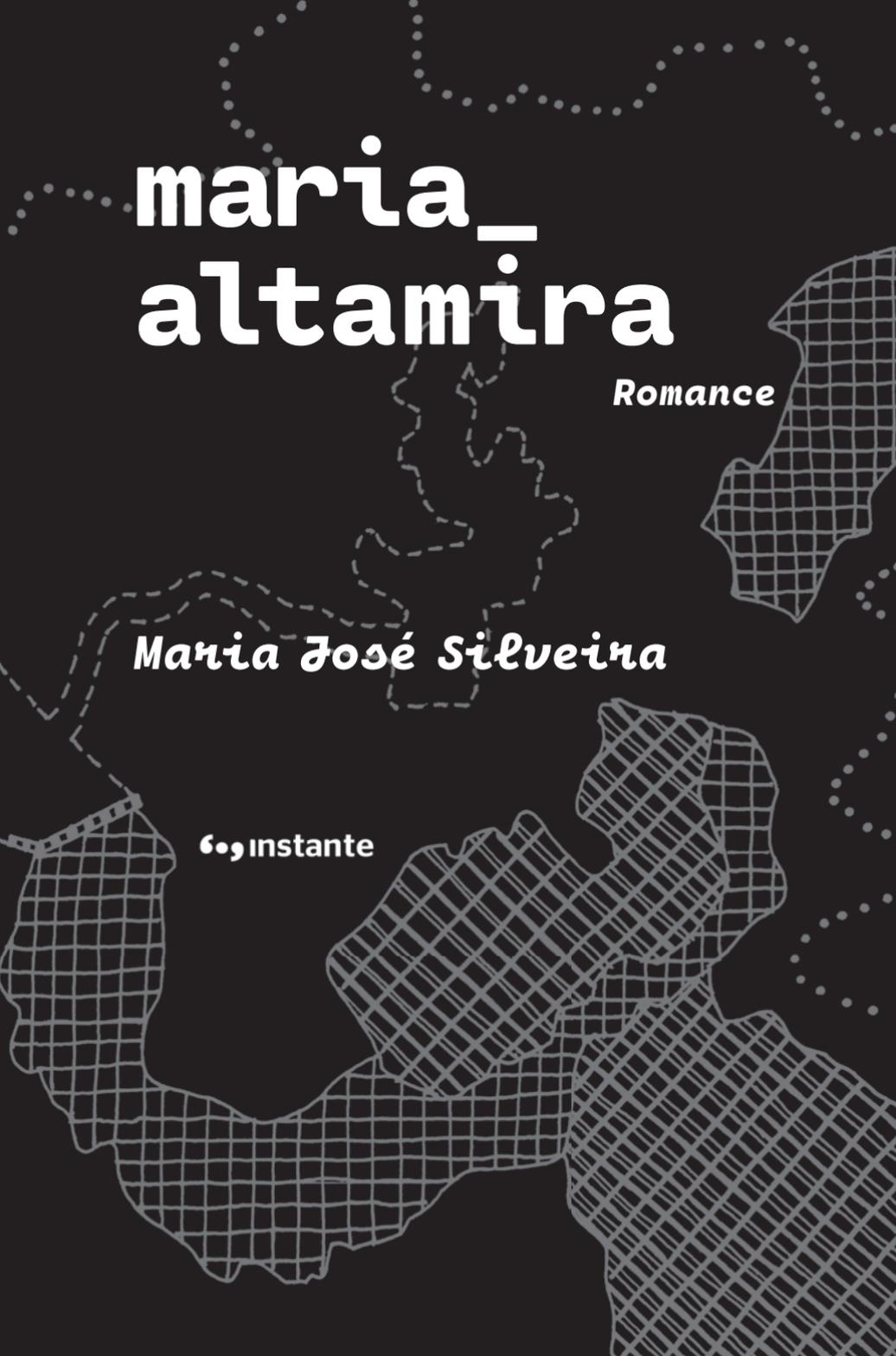


maria_ altamira

Romance

Maria José Silveira



**maria_
altamira**

Romance

Maria José Silveira

6● Instante

© 2020 Editora Instante
© 2020 Maria José Silveira

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Juliana de A. Rodrigues e Fabiana Medina**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Ilustração do mapa – parte externa da capa: **Renato Hofer**
(representação da América do Sul)

Ilustração do mapa – parte interna da capa: **Renato Hofer**
(representação artística baseada no mapa "Empreendimentos
que Impactam a Volta Grande do Xingu", 2018,
de autoria do Instituto Socioambiental – ISA)

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

1ª Edição: 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Silveira, Maria José.

Maria Altamira / Maria José Silveira. 1ª ed. — São Paulo:
Editora Instante: 2020.

ISBN 978-85-52994-19-0

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: romance

I. Silveira, Maria José.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira
2. Literatura brasileira : romance
869.3

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil
a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Maria Altamira é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Cartograph CF
e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² na gráfica Rettec.

Para o povo Yudjá de Volta Grande do Xingu. Para os beiradeiros de Altamira.

Para Galiana, a melhor companheira de viagens que alguém poderia ter.

Para José Gabriel, quem primeiro me falou da Volta Grande do rio Xingu.

Para Felipe, por tudo que ele sempre foi e é.

“No tempo em que não havia fim,
todo começo
era antes,
durante
e depois.”

Aldísio Filgueiras

Sumário

Sobre o livro_ 10

Sobre a concepção da capa_ 14

Prólogo_ 15

Primeira parte: A mãe_ 18

O soterramento_ 19

A jornada_ 22

Bolívia_ 30

Chile_ 36

Argentina_ 40

Paraguai_ 46

Brasil_ 49

O último céu_ 55

Morte x vida_ 73

Segunda parte: A filha_ 84

Declaração de guerra_ 85

A menina no rio_ 88

Enquanto isso_ 98

Rabo zunindo_ 102

As alegrias_ 105

Chove e não molha_ 112

Enquanto isso_ 118

Inchaço_ 124

Enquanto isso_ 135



Quatro anos passam rápido_	137
<i>São Paulo 1_</i>	137
<i>Enquanto isso_</i>	143
Tempo de peixe morto_	145
<i>São Paulo 2_</i>	149
<i>Enquanto isso_</i>	154
Tempo de cizânia e fogueiras_	157
<i>São Paulo 3_</i>	161
<i>Enquanto isso_</i>	171
Depois do fogo, a água_	181
<i>São Paulo 4_</i>	183
<i>Enquanto isso_</i>	187
O regresso_	190
Força-íã_	196
Beiradeiros_	207
O piloto Jurandir_	215
Cidade de homens_	220
Nas águas de Manu e Aleli_	225
<i>Enquanto isso_</i>	231
Rei do Mogno_	233
Um domingo_	239
O trabalho_	248
A Terra do Meio_	253
O nome_	264
<i>Enquanto isso_</i>	269
Mãe e filha_	271
Agradecimentos_	277
Sobre a autora_	279

Sobre o livro

Li *Maria Altamira* de uma vez, em uma viagem feliz, enredado pelas histórias de Alelí e sua filha. O romance mostra as contradições das sociedades latino-americanas, em particular a brasileira, graças a um profundo olhar antropológico de Maria José Silveira. No coração do livro encontramos os povos indígenas, que perdem seus rios e suas terras, que lutam e se defendem, que têm uma capacidade milenar de receber quem chega a suas aldeias com os braços abertos, um sorriso e um prato de comida, e continuam tendo uma extraordinária reserva de dignidade, o que o capitalismo não teve nem terá.

Rodrigo Montoya, Professor Emérito da Universidad Mayor de San Marcos, Lima/Peru

Ligar sentimentos e histórias individuais a um vasto panorama social e econômico é proeza em um romance. Maria José Silveira tem pleno êxito. As duas personagens principais, mãe e filha, a primeira peruana e a segunda nascida em Altamira, percorrem em épocas diferentes regiões marcadas por pobreza e devastação ambiental. Seguimos seu destino sofrendo suas chagas em nosso corpo, sem conseguir

desgrudar da leitura. Experimentamos o que é viver como os destituídos, maioria da população. Uma pequena cidade soterrada no Peru, a usina de Belo Monte, a vida de trabalhadora migrante em São Paulo, a morte assassina sustentando uma suposta democracia e a falsa noção nacional de progresso são fulcros surgindo no enredo. Contrapostos ao encanto dos Yudjá (os Juruna) de Volta Grande do Xingu, com seu embate corajoso contra os projetos energético e de mineração que os viram do avesso. Ficção mais que real, documento de quem tem experiência de campo e poder de análise, livro atual contra tempos sombrios.

Betty Mindlin, antropóloga, escritora

Este é um livro a ser percorrido ao som de um lamento, um texto que se contorce sobre si e se desloca, nos convidando a ir junto. São muitos trajetos possíveis, sem que se assinale um destino final: da cidade soterrada no Peru dos anos 1970 às terras alagadas pela usina Belo Monte no Pará dos dias de hoje; da história de uma vida para sempre quebrada aos sonhos de liberdade e justiça que se renovam sem parar; dos vários sotaques do espanhol latino-americano, que se infiltram na escrita, ao português tão diferente dos diferentes interiores do Brasil, sem esquecer ainda as falas indígenas. São espaços e personagens com os quais nós, leitores/as de literatura, não estamos acostumados/as. Por isso, também, a surpresa da bela narrativa, que nos envolve e, de algum modo, nos responsabiliza. Como podemos desconhecer essas vidas e os tantos mecanismos em ação para destruí-las, como ousamos ignorar esse lamento, esse grito de revolta?

Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (UnB)

Maria José Silveira ocupa um lugar próprio na literatura brasileira contemporânea por meio de um corajoso exercício que evoca o anacronismo deliberado de célebre personagem de Jorge Luis Borges. Isto é, a autora, entre outros, de *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas* (2002) e *Pauliceia de mil dentes* (2012), combina, com agudeza, preocupação social e invenção linguística, olhar atento à história e rigor na construção ficcional. Além disso, e muito ao contrário de tendências que se tornaram dominantes na literatura brasileira, Maria José não abre mão de pensar a formação da cultura nacional. Melhor: em seus romances, investigam-se sobretudo as origens da formação que previne o país de finalmente tornar-se nação.

Neste novo romance, *Maria Altamira*, o público leitor é conduzido da década de 1970 aos dias de hoje e transita do Peru ao Pará de Belo Monte: nessa busca de um tempo que parece perder-se sempre um pouco mais, a desigualdade e a injustiça social permanecem a paisagem atávica das sociedades latino-americanas. Eis outro traço singular da imaginação ficcional de Maria José Silveira: sua escrita pretende ser um mosaico de todo o continente, com suas múltiplas vozes e tantos dilemas em comum. *Maria Altamira* representa um marco importante na obra de uma autora em pleno voo.

João Cezar de Castro Rocha, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

O romance *Maria Altamira* revisita dois grandes acontecimentos traumáticos da história da América do Sul: a catástrofe natural de Yungay, a cidade peruana sepultada pelo terremoto de maio de 1970, e as consequências dramáticas do início da construção da barragem de Belo Monte, em 2011, que desalojou

mais de quarenta mil pessoas, inundou quinhentos e dezesseis quilômetros quadrados e atingiu várias terras indígenas do Xingu e da região. Denúncia e revolta atravessam o tecido discursivo, num grito de alerta contra a permanente ameaça de violências e tragédias. A vida, no entanto, persiste pulsando, num eterno combate contra a morte, através de imagens que encenam a delicada beleza da música que emana da voz de Alelí e do charango. A força do instinto de preservação da vida também se manifesta nas referências à capacidade de resistência dos indígenas contra “o monstro de cimento” — a Usina de Belo Monte — e contra todos os monstros, milenares e atuais, que atentam contra sua integridade. Os povos indígenas prosseguem sua caminhada, belos e fortes, severinamente, como sugere o romance: a arte, de mãos dadas com o combate à violência, faz brotar a vida “em nova vida explodida”.

Rita Olivieri-Godet, Université Rennes 2/

Institut Univesitaire de France

Maria Altamira relata a história imensa e aterradora de duas mulheres fortes, duas indígenas, mãe e filha, e pelo fio do drama que as une revela os meandros da tragédia amazônica. Costumo dizer que depois que li *Maria Altamira* passei a chorar a perda do rio Xingu para a usina de Belo Monte como um indígena a chora, o romance oferece a percepção da aniquilação e humilhação primordiais da floresta, um sentimento que não é natural à população branca do Sudeste. Amazônia é o grande assunto brasileiro no cenário internacional, e o romance de Maria José revela e explica, expõe e sensibiliza sobre a questão ambiental e indígena como nenhum outro livro.

Luciana Villas-Boas, agente literária

Sobre a concepção da capa

Enquanto acompanhamos a jornada da personagem Aleli, formamos, automaticamente, um mapa mental das paisagens que ela avista, das fronteiras que atravessa e dos terrenos por onde sua história se desenrola. Desde Yungay, no Peru, ela transpõe fome, doença e solidão até chegar a seu destino, no Pará.

Nas ilustrações que compõem a capa, os contornos da América ganharam estampas inspiradas nos grafismos de diversos povos indígenas — guardiões de tudo o que existia nessas terras. Cada estampa representa os biomas encontrados na região. Os rios em traços escuros são as veias que alimentam a paisagem, vida e morte para quem depende diretamente deles.

Maria Altamira, filha de Aleli, é representada no mapa da região do Alto Xingu. Os contornos das terras indígenas demarcadas e o rio, que teve seu curso alterado pelos “brancos”, são os cenários e os limites do conflito, que parece não ter fim.

Escolhemos o papel kraft para ser o substrato da impressão porque a dureza de sua trama simboliza a terra que não precisa de donos, mas que desde o começo das civilizações é disputada e subjugada pelos homens.

Prólogo

Uma história começa em qualquer lugar e em qualquer momento. Há sempre algo que entrelaça de tal maneira as histórias do mundo e as de cada um de nós que o começo depende apenas do ponto de vista pelo qual você escolhe ver e desembaralhar os nós, as malhas, os vazios.

Nosso começo aqui poderia ser a morte da família de Alelí, seus pais, quatro irmãos, e Illa, sua filha de três anos, soterrados na própria casa como todos os outros habitantes da pequena cidade de Yungay, quando o pico do nevado Huascarán desmoronou depois de um terremoto em Ancash, vale da Cordilheira dos Andes, Peru, no ano de 1970.

Alelí tinha dezesseis anos.

Tragédia que tem suas semelhanças com o que os olhos de Maria Altamira, a outra única filha de Alelí, nascida dez anos depois na cidade da qual leva o nome, veem agora, em 2017, do monomotor em que está: a expansão brutal das águas que afundaram a região onde foi construído o principal reservatório da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, nas águas do rio Xingu, no Pará.

Por certo uma visão mais suportável do que a da gigantesca avalanche de terra úmida desabando inclemente sobre

a pequena cidade andina e todos os seus habitantes, exceto os pouquíssimos que, como Alelí, naquele exato momento, estavam em algum lugar fora da cidade, acima de suas casas e ruas. A onda negra-cinza-faiscante desmoronando e enterrando pessoas em suas camas, salas, cozinhas, igrejas, escolas, praças e calçadas. Visão monstruosa de um inferno de pedra-terra-poeira-neve-lama-lodo-rugidos-gritos-berros.

Agora, no entanto, o que Maria vê do alto — embora saiba que aquela água cobre ilhas e beiradões onde as casas dos ribeirinhos foram esvaziadas, habitantes e bichos domésticos desalojados —, a extensão de água é como se também tivesse liquidado, mesmo que de maneira mais branda e descontínua, as pessoas que ali viviam e foram empurradas para alguma terceira margem, também elas testemunhas de algo monstruoso, águas se avultando e cobrindo trilhas, vegetação e bichos. Talvez até belo — a água tem uma maneira bela de se apresentar ao mundo —, mas desumano. Os que viviam ali vivem agora um luto do qual não vão se recuperar, como não se recuperaram do soterramento da cidade de Yungay os seus poucos sobreviventes.

Maria Altamira vê a copa de uma árvore submersa, os galhos mais altos ainda abertos como arbusto espantado sobre a solidão das águas, qual o topo das quatro palmeiras da desaparecida terra da sua mãe, as únicas que, ao lado do cimo da torre da igreja, restaram na praça soterrada.

Se sua mãe morreu depois — se é que já morreu, Maria não sabe —, foi de orfandade. Quase a mesma morte por orfandade que espreita o grupo deslocado da terra e do rio que eram seus. Órfãos da água. Órfãos da terra. Terra coberta pela própria terra, ou pelas águas deslocadas do seu leito. Desastre

causado pela própria natureza, ou pela mão humana, tanto faz. Para as vítimas, não há diferença. Ou quem sabe a dor, por inaceitável, possa ser até maior quando causada pelas mãos de um semelhante.



Maria Altamira estava naquela pequena avioneta ao lado de dois técnicos. O piloto Jurandir queria agradar a morena de olhos puxados que conhecera no centro de recreação da vila residencial criada para os empregados de Belo Monte. Conseguiu colocá-la, de maneira semiclandestina, em um voo de inspeção. Acostumado ao trabalho em grandes obras, Jurandir sabia que Maria passaria como técnica recém-chegada, ou de outra área.

No dia em que a conheceu e ela lhe perguntou se seria possível levá-la em um voo para ter uma visão por inteiro do lago-reservatório, Jurandir respondeu que iria tentar. Desejos pequenos ou grandes, de nenhum ele desistia sem antes tentar. Foi por tentar que ele, filho pobre de outro rio, o Tocantins, conseguira seu brevê de piloto de aeronaves pequenas, sonho que sua família achava impossível. Ele, não. Era de sua natureza achar possível o impossível. Gostara daquela moça com nome de cidade e que, como ele, tentara algo tão inesperado como esse pedido para ver as águas do alto.

Durante o voo, não a viu, sentada no banco de trás, fora do alcance de sua visão de piloto. E quando, depois que desceram, ela se aproximou para agradecer, o que ele leu em seus olhos foi algo que não soube decifrar. Não era espanto com a imensidão e, para muitos, beleza daquilo. Era algo mais profundo.

Algo que ele prometeu a si mesmo um dia entender.



primeira_
parte: *a mãe*

0 soterramento

A tremenda onda cinza-negra de quarenta metros de altura avançou a trezentos e trinta quilômetros por hora, soltando faíscas coloridas que acompanhavam o choque de pedras gigantes despencando e se quebrando em cacofonia brutal. Ruído jamais escutado, produzido pela onda rolando acima e pela terra rugindo e ondulando embaixo no terremoto de quarenta e cinco segundos que provocou o desprendimento de neve, lama e pedras do nevado Huascarán, formando a aluvião que desabou sobre Yungay.

E quando a avalanche se acomodou, depois de três minutos, restou a massa de ar repleta de resíduos e fumaça cobrindo a cidade e seus vinte mil habitantes completamente soterrados por cerca de cinco metros de lama e pedras.

Em três minutos.

A cidade sepultada e, sobre ela, a nuvem densa e escura que ali ficou por mais de uma semana, como se agora — por remorso — quisesse esconder o que fizera.

Alelí foi uma entre os cerca de trezentos sobreviventes que estavam um pouco acima da cidade construída no fundo do vale andino.

Em choque, ela passou um bom tempo no acampamento providenciado pelo governo com ajuda da Cruz Vermelha. Agarrada ao pequeno manto vermelho, barra listrada de amarelo-azul-e-verde, típico adereço andino onde carregara a filha desde recém-nascida e, por costume, amarrara no pescoço ao sair de casa, manto que ainda preservava o cheiro doce de Illa e se tornara o único elo concreto ao qual ela se prendia agora, como se dele ainda lhe viesse, com o cheiro capturado, um finíssimo resquício de vida.

Seu estado de choque não cedia.

Perdeu todos os quilos que porventura algum dia teve. Seus dentes amoleceram nas gengivas. Era um fio de gente cambaleando pelos cantos no acampamento improvisado. Houve um momento em que os médicos que a tratavam temeram por sua sanidade. Contavam menos com a medicina e mais com a pulsão da sua juventude para vencer a batalha que, de certa forma, Alelí venceu. Se é que podemos chamar de vitória o estado em que, por fim, ela saiu do abrigo, no mês em que o fecharam.

Sem a filha.

Sem Miguelito.

Sem os pais.

Sem parentes.

Sem amigos.

Só.

Deram-lhe documentos, salvo-conduto, algum dinheiro e mudas de roupas, que ela embrulhou no manto vermelho. Não esperou que lhe encontrassem um lugar para onde ir, que a enviassem para outro abrigo. De olhos

baixos, sem pensamentos, saiu como puxada por algo que não compreendia nem queria. Saiu andando apenas, sem ver como nem para onde. Entrou no primeiro ônibus que encontrou. Escondeu-se atrás de um banco, até ser descoberta, xingada e escoraçada.

Entrou em outro e seguiu.

A jornada

Alelí descia onde descia. Comia o que lhe davam. Dormia onde dormia, mal saindo das rodoviárias ou das paradas, suas roupas cada vez mais sujas e gastas. Olhos sempre no chão, como se não soubesse mais erguê-los, oferecia-se para limpar os lugares por onde passava, em troca de comida ou de pouso em um canto. Quem via aquela moça quase ossos, exaurida, podia ter pena, desprezo ou raiva, tudo lhe dava igual. Era um objeto movido por uma força alheia, como o banco em que se sentava, o prato de comida que recebia, o manto onde se deitava. Ou o ônibus que parecia chamá-la para tirá-la de onde estivesse.

Ela era esse objeto, essa coisa em torpor — sem desejos, sem forças, sem pensamentos outros que sua dor.

Não reagia a nada. Encolhida no banco do fundo de ônibus velhos, nem sequer sentia os solavancos, muito menos o cheiro de suor, urina, vômito, restos de comida e cigarros entranhado nos estofamentos gastos. Nem reagia aos motoristas que a arrastavam para fora com brutalidade e a deixavam cheia de hematomas arroxeados. Tampouco aos homens, raros, que seguiam seu vulto cadavérico pelas ruas, se aproximavam e a arrastavam para o chão de terra

onde a penetravam e muitas vezes davam-lhe socos, pontapés, sem que Alelí soltasse um gemido, um grito. Um objeto não tem vida, uma pedra não diz ai. Erguia-se com esforço quando a dor do corpo diminuía e seguia, empurrada por algum instinto maior do que ela. Seu mundo tinha a consistência de sombras, névoas, faíscas, e da boquinha da filha se abrindo, os bracinhos erguidos suplicantes, “*Mamita! Mamita! Llévame al circo, mamita!*”, e Alelí encostava no rosto o manto vermelho onde imaginava sentir o calor e o cheiro de algum tipo de vida. Sua vida. Toda a sua vida.

Mil vezes morria, mil vezes se levantava e seguia.

O tempo parado.

Dessa letargia infernal, só começou a sair quando um, dois, sabe-se lá quantos anos depois, o ônibus em que estava parou na Bolívia, onde ela foi forçada a descer na praça de um pequeno *pueblo*. Sentou-se nos degraus da escada da igreja. Perto, um senhor tocava charango. A princípio, ela ficou ali sentada. Vazia, surda e muda. Só muito lentamente seus ouvidos foram como que se abrindo, como se despertassem para as vibrações do instrumento que o senhor tocava. E, à medida que sentia o som, mesmo sem entender, mesmo sem pensar, do fundo de sua exaustão extrema, foi muito devagar, muito lentamente, muito de mansinho que Alelí pressentiu umidade nos olhos secos e viu que eles se inundavam deixando lágrimas escorrerem, e então compreendeu que chorava e, sem forças, se entregou, logo mais convulsivamente, de corpo inteiro, alma inteira, lágrimas em aluviões quentes por seu rosto, escapando de um lugar que por um tempo imenso havia se cerrado dentro de si.

Quando terminou de tocar, Don Rodrigo, senhor de cabelos grisalhos, olhar atento e compassivo, contido nos gestos, lhe perguntou como se chamava e se era dali. E pela primeira vez, desde que saiu do abrigo, Alelí pronunciou o nome de Yungay. O que aconteceu lá. Não contou tudo, não seria possível, não suportaria contar tudo, mas, ao contar algo de sua história — ainda que de modo entrecortado e quase indecifrável —, parecia se desprender um pouco da letargia que a acompanhava. Quando terminou de falar, seu pranto voltou ao lugar da dor que o prendia e ali outra vez se fechou.

O músico a escutou com atenção e silêncio. Depois, com metódica calma, levantou-se, arrumou suas poucas coisas e lhe estendeu a mão. Alelí a segurou. Ele a ajudou a se erguer e a levou para sua casa.

A mesma compaixão do marido teve Doña Anita, sua esposa, que acolheu a estranha jovem que mal falava e não sorria. As duas filhas, Chabuca e Lunita, quase da mesma idade, se espantaram com sua magreza, o cabelo imundo repartido em duas tranças, o estado das roupas, a incomunicabilidade, os olhos escuros como poças negras voltadas para dentro. Levaram Alelí ao quintal, onde a fizeram se banhar demoradamente com a água friíssima do poço e lhe deram, meio que forçadas pela mãe, uma das suas poucas mudas de roupas.

Passado o espanto, a novidade tornou-se uma diversão para elas, que fizeram seus cálculos: a nova agregada seria mais uma com quem dividir as tarefas, embora o pai e a mãe tivessem avisado que a moça triste não estava ali para trabalhar. Era hóspede. Que a tratassem com a cortesia devida. Não foi culpa delas, no entanto, se desde o primeiro dia, ao sair debaixo das mantas que colocaram para ela em um canto do

quarto das duas irmãs, a estranha assumisse, por si mesma, quase todas as tarefas das moças que apenas respondiam “*Sí, mamita*”, quando a mãe as chamava, ou “*Ahí voy*”, mas não iam. Não fazia falta. Alelí rapidamente fazia o que era para ser feito. Só não cozinhava porque a comida ficava por conta de Doña Anita, mas cuidava das cabras e limpava tudo que precisava ser limpo. Sentia-se melhor ocupando as mãos e a cabeça. Limpava tudo, limpava bem, e limpava rápido. As jovens começaram a achá-la não apenas estranha, mas incompreensível. O pai nada lhes contara sobre a recém-chegada, apenas para a mãe; às filhas só dissera que era alguém que precisava de ajuda.

A casa era pequena, adobe sem pintura, como costumam ser as casas pobres dos Andes, a varanda rústica dando as costas para a pequena estrada e se abrindo para a serra. Nessa varanda, Don Rodrigo ensaiava suas músicas, cuidava do seu instrumento, compunha.

Alelí se aproximava e ali ficava o tempo que o tempo tinha.

Notando seu interesse, ele começou a lhe ensinar a tocar charango, se espantando ao ver a rapidez e o talento com que aprendia. Alelí escutava o som, percebia o movimento desse som tanto pelas vibrações dos ouvidos quanto pela movimentação da ponta de seus dedos nas dez cordas do pequeno instrumento feito com a carapaça do tatu. Recebia a música não apenas pelos canais auditivos, também pelo corpo, e, de uma maneira que não julgava possível, sentia algo se alterar dentro dela, alguma espécie de sintonia, e se deixava levar pelos sons como se atravessasse uma ponte que, de alguma forma, começasse a reintegrá-la ao mundo. Quando cantarolou baixinho acompanhando o instrumento, provocou um arrepio

no músico e em sua mulher. Um timbre grave e uma extensão vocal que ia de um sussurro gutural ao tom agudo de um pássaro não conhecido.

Com o tempo, quando por fim conseguiu soltar sua voz, a voz possante que voava ao vento andino, até Chabuca e Lunita pararam o que estavam fazendo e se aproximaram para escutar.

A música boliviana dos Andes tem quase a mesma sonoridade que a peruana, quase os mesmos instrumentos, a mesma dor e melancolia das coisas perdidas, terras abandonadas, a mesma saudade de quase tudo, e Alelí se agarrou ao “quase”, pois, quando Don Rodrigo começava um som definitivamente peruano, ela saía da varanda, ia caminhar pelo campo em volta para não ouvir. Sua alma doía, disse, quando ele lhe perguntou por que se afastava. Contou que seu pai tocava harpa, sua mãe cantava. Miguelito, o pai de sua filha, tocava quena. Seu peito tornava-se pedra pesada ao escutar as músicas que a família morta cantava. O charango era tocado em sua terra, mas não em sua casa. Talvez por isso ousasse tocá-lo. Nunca a harpa, nunca a quena, só o charango. E nunca as músicas que a família tocava.

Com Don Rodrigo, aprendeu a tocar nas praças, armazéns e casas, a cuidar do charanguito novo que ele fez especialmente e lhe dera já amarrado na cinta larga das cores do arco-íris com que o pendurava ao ombro. A música lhe trazia algo que ela era incapaz de definir. Como se experimentasse alguma sensação que não era tão somente dor. Como se ela e seu instrumento se tornassem no som uma coisa só, e ela recomencesse a não apenas olhar, mas de fato ver seu entorno. A transparência do ar. A luz na varanda. O milho

amarelo sobre a mesa. A cor ocre da casca do pão. A ovelha com seu pelo enovelado no pequeno quintal. A terra avermelhada. A brancura do leite. O verde onde verde houvesse. A serra em volta, sem neve e sem picos. Sem ameaças.



Don Rodrigo era chamado para tocar nas festas e nos funerais da cidadezinha. Os mais ricos lhe pagavam bem, dos mais pobres ele não cobrava; nos armazéns e nas praças, colocava no chão seu chapéu acinzentado e dali tirava sua parte e a parte da nova acompanhante, que, da primeira vez, balançou a cabeça, “Não precisa”. “Precisa”, ele disse. “É pagamento pelo seu trabalho.” “Não é trabalho.” “É, *niña*. Foi um dom que Deus lhe deu. É uma maneira de você poder cuidar de si mesma.” “Como de sua comida, durmo em sua casa, o que vou fazer com dinheiro?” Ele tomou a mão dela, abriu-a, e na sua palma colocou as moedas. “Guarda. Um dia você vai precisar.”

Mal sabia ele que as filhas é que passaram a usufruir das moedas que Alelí deixava na gaveta do velho móvel que passara a ser usado pelas três. No começo, pegaram para ver se, com o sumiço do dinheiro, ela reagiria. Quando, apesar dos risinhos e olhares que as duas trocavam, viram que a esquisitice da moça era tanta que nem percebeu o furto, ou, se percebeu, não se importara, passaram a usar as moedas guardadas como se fossem delas. Uma noite, já deitadas as três, Chabuca, sentindo certo remorso, perguntou:

- Alelí, tu não gosta de comprar nada?
- Comprar?
- Sim.

— Não.

As risadinhas das irmãs explodiram debaixo dos cobertores.

— Por que não junta dinheiro pra comprar uma roupa nova e não ficar andando por aí com nossa roupa velha?

— Não preciso.

— E um chapéu? Vermelho, bonito? Tu não gosta?

— Não preciso.

— Então, dá teu dinheiro pra gente?

— Sim.

Dessa vez, as irmãs não entenderam, tampouco riram. Ficaram meio pensativas. Deixaram de mexer nas coisas de Alelí.

— • —

Não muitos meses depois, Don Rodrigo reuniu a família na varanda e com seu jeito grave explicou: “A estrada nova vai mesmo passar por aqui. O cura cansou de falar com as autoridades, não adianta, eles não querem escutar. Disseram que é para o bem do *pueblo*. Mais gente passando, mais progresso. Vão alargar tudo isso aqui na frente, e nossa linha de casas vai sumir. Mês que vem vão começar a medir e dar as ordens pra sair por bem ou por mal. Vão indenizar, disseram. Mas que indenização vale o lugar onde a pessoa construiu sua casa?”.

As mocinhas foram para o quarto chorando e custaram a dormir. Doña Anita ficou muito tempo conversando baixinho com Don Rodrigo na varanda. Alelí, enrolada em seu manto vermelho, ficou olhando o breu.

Tocando na praça na manhã seguinte, um domingo, e vendo passar um ônibus, ela voltou a sentir a antiga força puxando-a para seguir seu rumo. De olhos no chão, agradeceu a Don Rodrigo e se foi. Não voltou à casa; não se despediu das filhas nem de Doña Anita; não tinha nada para levar a não ser o instrumento, as poucas moedas que tinham acabado de recolher na praça e o traço da vontade de viver que a música lhe dera.